

0 êxtase dos objetos: ex-votos e relações de devoção¹

Lilian Alves Gomes*

“Ah, mas a fé nem vê desordem ao redor...”
João Guimarães Rosa em *Grande Sertão Veredas* (parte 2).

Resumo

Através da observação de uma “Sala dos Milagres”, o artigo analisa os objetos ofertados a um santo, os chamados ex-votos. Entendendo-os como problemas de pesquisa e não apenas como dados ou aspectos secundários no culto aos santos, busca-se olhar mais detidamente para a aparente confusão dos locais onde tais objetos são exibidos e procura-se discutir os problemas que eles trazem a lume. Assim, a reflexão se detém na natureza dos ex-votos de modo a também possibilitar a problematização do vínculo santo-devoto como algo mais complexo do que uma mera relação instrumental de troca entre homens e divindades.

Palavras-chave

Ex-votos. Objetos religiosos. Culto aos santos.

Abstract

Through the observation of a “Room of the Miracles”, the article analyzes the objects offered to a saint, called *ex-votos*. Considering them as investigation issues and not only as data or

¹ Uma primeira versão deste artigo foi apresentada como trabalho final no *Seminário de Antropologia dos Objetos*, ministrado em 2011 pelo professor José Reginaldo Santos Gonçalves no âmbito do PPGAS/IFCS/UFRJ. Agradeço ao professor pela acolhida no curso e pelos comentários em relação ao texto. Também sou grata pelos apontamentos de minha orientadora, Renata Menezes, e ainda aos amigos José Paulo Neto e Denise da Costa. O *corpus* de dados utilizado no presente trabalho deriva de um percurso mais amplo e integra-se na pesquisa realizada entre 2007 e 2010, da qual resultou minha monografia de conclusão de curso em Ciências Sociais (GOMES, 2008), defendida na UFMG, e minha dissertação de mestrado (GOMES, 2011), defendida no PPGAS/MN/UFRJ. Durante o mestrado, contei com o apoio de uma bolsa CAPES, com auxílio para pesquisa de campo concedido pelo PPGAS e pela FAPERJ, este último via projeto *Materialidades da Devoção*, desenvolvido no Grupo de Pesquisa em Antropologia da Devoção (GPAD/PPGAS/MN).

* Doutoranda em Antropologia Social no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro/Brasil), onde integra o GPAD. E-mail: lilianalves@gmail.com.

secondary aspects in the the cult of the saints, a closer look is endeavored to the apparent confusion of the places where such objects are displayed. The aim is to discuss the problems they bring to light . Therefore, the observation lies upon the *ex-votos* nature so that the problematisation of the bond saint-devotee is enabled as something more complex than a mere instrumental exchange relation between men and deities.

Keywords

Votive objects. Religious objects. Saints of devotion.

Introdução

As Salas dos Milagres, presentes em centros de peregrinação no Brasil e no mundo, são espaços de exibição de uma das diversas formas materiais que a devoção aos santos pode assumir: os ex-votos. Eles podem ser partes do corpo moldadas ou esculpidas em diversos materiais, muletas, imagens de santos, maquetes de casa, bilhetes, tufo de cabelos, óculos, mortaldas, cadeiras de roda, cartas, flores, cruzeiros, velas, esculturas, vestidos de noiva, fotografias etc. A diversidade de elementos nos atenta para uma forma extremamente plástica de materialidade da devoção e que, em suas (des) proporções, tamanhos e dimensões, formam coleções que impressionam, atacam os sentidos e não raro assustam o expectador desavisado.

Os milhares de ex-votos ofertados a Pe. Libério (*1884-1980†), um falecido sacerdote cultuado em diversas cidades no interior de Minas Gerais, sempre se impuseram à observação realizada no intuito de compreender a santidade a ele atribuída². Fotografá-los foi um exercício inicial de aproximação que manteve nas visitas de campo subsequentes. Tratava-se de tentar dar conta do grande número de coisas, pois enumerá-las por escrito demandaria uma

² Trata-se de uma santidade não reconhecida oficialmente pela Igreja Católica. Para essa instituição, apenas sua autoridade máxima, o Papa, possui a autoridade de conceder o estatuto de santo a alguém, e após um longo e complexo processo. Nesses termos, oficialmente Pe. Libério é considerado um “servo de Deus”, ou seja, a “Congregação para a Causa dos Santos” da Santa Sé foi consultada e já se pronunciou que não há nos arquivos do Vaticano nada que seja obstáculo à introdução da “causa de beatificação” e, posteriormente, de “canonização”.

quantidade de tempo de que eu não dispunha, e também de tentar capturar o forte apelo visual daquela Sala dos Milagres.

Ao mostrar as imagens resultantes desse exercício para alguns colegas³, percebi que a abundância de ex-votos não só provoca impacto em termos de visualidade, mas que, curiosamente, pode suscitar sentidos olfativos e táteis em quem nunca esteve presente no local. Durante as inúmeras jornadas que passei dentro de tal espaço, também ouvi de alguns frequentadores impressões relativas à sujeira e ao cheiro do lugar, mas elas certamente eram bem menos enfatizadas do que as reiteradas situações de maravilhamento dos devotos diante do acervo. Para estes últimos, como será visto ao longo do texto, os objetos parecem manifestar um poder que eclipsa noções tais como “bagunça”, “confusão”, “sujeira” e “cheiro forte”, que tantas vezes eu ouvi de outros interlocutores.



Conforme assinala Douglas (1976), a impureza absoluta só existe aos olhos do observador, que, por sua vez, a vê como uma ameaça a certa ordem desejada. Nessa perspectiva, a busca pela purificação e o desejo de higiene, que afastam os perigos de contágio, são entendidos como ordenação criativa do meio. Se, na Sala dos Milagres, sujeira e bagunça não são vistas pela maioria de seus frequentadores como potencialmente poluidores, cabe-nos pensar em outras formas de organização da experiência.

A partir das considerações sobre o narrador desenvolvidas por Benjamin (1986), Gonçalves (2007a) descreve um museu que se caracteriza justamente

³ Algumas delas poderão ser vistas ao longo do texto. Todas as fotos são de minha autoria.

por vários aspectos que, como foi mencionado, promovem certo desconforto em algumas pessoas:

Esse espaço tende a ser identificado como um interior, a separação com relação ao espaço da rua bastante marcada, o que repercute na iluminação. Uma grande quantidade de objetos é exposta, acumulando-se em salas e vitrines, sem textos que os situem em algum período histórico. O deslocamento dos visitantes se faz com lentidão. Os objetos se impõem à atenção dos visitantes, exercendo seu poder evocativo. Moedas, móveis, espadas, medalhas, louça, quadros, vestuário, um conjunto heteróclito de objetos ocupa amplamente os espaços dedicados à exposição (GONÇALVES, 2007: 70).

Segundo o autor, a fruição no “museu narrativa” exige do expectador um estado de distensão psicológica que se contrapõe ao ritmo vertiginoso do “homem da multidão”. Ao contrário da indisposição desse último para o excesso de estímulos, quem se sente confortável no espaço descrito é o *flanêur*, que, sempre interessado pela vida à sua volta, enxerga no museu-narrativa a possibilidade de novas contemplações e possíveis descobertas.

As reflexões que seguem são um convite a tal postura exploratória: o deslizar sobre “detalhes” que despertam os mais diversos sentidos e levam ao intercâmbio de experiências. Assim como o *flanêur* de Benjamin não vê os transeuntes da grande cidade como indivíduos anônimos, mas vislumbra a sua origem e o seu caráter, fantasiando a partir de suas roupas e gestos, minha sugestão é olhar os ex-votos de modo que eles deixem de ser vistos como um aglomerado indistinto de quinquilharias.

As imagens das Salas dos Milagres costumam ser muito marcantes, segundo Fernandes (1982: 45): “É o espaço ritual mais desarrumado que se pode imaginar, um impressionante amontoado simbólico de misérias humanas”. Já Segala (1999: 16-17), ao abordar os ex-votos do Santuário de Aparecida em São Paulo, nos fala da exposição de “(...) corpos inteiros ou despedaçados, dores avulsas, vistas nos ex-votos de cera.” E, ainda, “esta imensa área, mais conhecida como Sala dos Milagres, é a expressão objetivada mais contundente da fé na romaria. Pelas promessas, as manifestações coletivas e unitárias da fé se particularizam, se individualizam, apoiadas em uma economia do dom e da troca” (SEGALA, 1999:16-17).

Penso que é necessário olhar mais detidamente para a aparente confusão dos locais em pauta e também nos desvencilharmos da leitura automática que

vê nos ex-votos apenas uma relação de troca dos homens com as divindades. Não se trata de negar esta última assertiva, mas ter em conta, como sugere Thomas (1991: 17), que o dom é um tipo de ato, mas também é uma coisa; e que a ênfase sobre a relação social tem implicado na exclusão da análise da natureza do objeto. Desta feita, nas linhas que se seguem, meu objetivo é trazer as Salas dos Milagres para o centro da análise, juntamente com os ex-votos nelas contidos, para tomá-los como problemas e não apenas como dados ou aspectos secundários da devoção aos santos. Sem necessariamente obliterar a literatura antropológica clássica sobre esferas de troca, buscarei voltar-me a contornos específicos das mesmas, delineados através da circulação de ex-votos.

Por não serem, de antemão, vistos como dissociados das pessoas que os fabricam, os artefatos tribais há muito têm ensejado reflexões-chave na antropologia⁴, dedicadas à problematização das (in)distinções entre pessoas e coisas, animado e inanimado, matéria e significado, representação e realidade, cultura e natureza. Já certos objetos, muitas vezes caros às sociedades ocidentais, não são vistos como problemas de pesquisa, pois são entendidos como inertes e animados apenas pelas pessoas, dentro de sistemas de significados construídos por elas.

A relativização da oposição entre pessoas e coisas inaugurada por Mauss (2003 [1923-1924]) parece não ser vista como ferramenta teórica para desestabilização de categorias no estudo de todas as sociedades. Na própria célebre introdução à obra do autor, Lévi-Strauss (2003 [1950]) aponta que a falta da superação da teoria nativa teria feito com que Mauss deixasse de perceber que o *hau*, assim como o *mana*, no caso da magia, fosse uma expressão linguística que remeteria a determinados princípios do pensamento simbólico. Tanto tal apelo ao inconsciente quanto o primado do vínculo como questão para a antropologia têm sido questionados por diversos autores que problematizam o modo como os objetos podem nos levar a outras questões.

⁴ Na constituição da própria disciplina, vale lembrar, não se pode desconsiderar a importância de fluxos de objetos – plumagens, cestas, machados, canoas etc. – entre contextos nativos e metrópoles, que culminaram na formação de coleções etnográficas. Desta feita, os objetos serviram a interpretações de antropólogos antes de serem relativamente marginalizados na disciplina e circunscritos à esfera dos museus e sua lógica de coleta e classificação.

Se os teóricos do simbolismo dos anos 1960 e 1970 não se interessaram muito pela especificidade das materialidades que permeiam as relações sociais, uma considerável produção posterior foi empreendida na direção oposta. A “cultura material” aparece como categoria específica de problema e análise em Miller (2006; 2005; 1998; 1994), recorte que será duramente criticado por autores que colocaram que, ao se “pensar através das coisas”, não se deve determinar *a priori* o que é objeto e o que é sujeito (HENARE, HOLBRAAD & WASTELL, 2007).

Nessa direção, outros trabalhos se detêm na especificidade ontológica das coisas que habitam o mundo: Latour (2009, 1994), ao olhar para ciência, traça redes sociotécnicas, ressalta a “agência” de “híbridos”, “não humanos” e “quase-objetos” e denuncia a separação entre pessoas e coisas, tão preciosa para os “modernos”. Gell (1998), por sua vez, tematiza a arte e enfatiza que a agência dos objetos não é definida por atributos anteriores à produção de sentido que se dá nas redes de relações sociais. Já Ingold (2006; 2007; 2010) insiste que a ênfase na agência material é resultante da redução que transforma as “coisas” na noção estabelecida de “objetos”, em que o mundo é “habitado” pelas “coisas” e não pelos “objetos”. Tal diferenciação é delineada por meio daquilo que é entendido por “vida”, um ambiente inerente à circulação de materiais que continuamente pode tanto dar forma às coisas quanto dissolvê-las.

Essa rápida passagem pelas linhas de força das obras aventa a existência de importantes clivagens na reflexão sobre objetos e coisas, principalmente considerando-se que, por meio dela, alguns autores têm buscado repensar a própria prática antropológica. Certamente essa última empreitada não está em primeiro plano na discussão que ora desenvolvo e, por conseguinte, passá-la em revista de modo mais detido é tarefa que extrapola os limites deste artigo. Como se vê, muita tinta correu para que os objetos viessem a lume como estratégia metodológica e teórica em uma disciplina cuja ênfase recaiu, ao longo da construção do moderno conceito antropológico de cultura, sobre os sistemas de pensamento e organização social (GONÇALVES, 2007b).

Por um lado, podemos pensar que a complexidade dessa empreitada se agiganta no âmbito do estudo da religião, pois, como nos lembra Freedberg (1989), o “mito do aniconismo” – a crença de que, quanto mais espiritualmente desenvolvida a religião, menor a necessidade de objetos materiais para servir

de canal de comunicação com a divindade – é compartilhado por diversas culturas e pouco problematizado pelos estudos que se debruçam sobre elas⁵. Por outro lado, se certas proposições recentes foram entendidas como transformadoras da mirada antropológica para a relação entre sujeitos e objetos, é preciso considerar que há muito algumas delas estão contempladas, por exemplo, na reflexão sobre as relíquias e as imagens católicas⁶.

Isto posto, nas páginas que seguem, buscarei empiricamente mobilizar situações variadas que possam encarnar certas nuances do debate, principalmente com vistas a marcar o que se pretende reter do mesmo. Nesse sentido, espero que ao longo do texto venham à tona modalidades de relação que contribuam com uma discussão sobre os objetos que não os toma como dados, mas, antes de tudo, verifica o que vem a ser entendido como objeto e quais são os problemas que eles movimentam.

Nesse intuito, inicialmente é preciso destacar que, durante todo o trabalho de campo, não observei ninguém se referir aos ex-votos que problematizo por meio de algum vocábulo que os subsumisse ou os qualificasse de forma definitiva. Ao tratar os itens sobre os quais me debruço através de termos generalizantes, como materialidades, objetos, coisas e ex-votos, não necessariamente os objetifico, ou seja, destituo-lhes de outras características que não seriam próprias das coisas materiais. Trata-se de um recurso textual que possibilita o trato com a diversidade e com os incontáveis formatos encontrados na Sala dos Milagres, recurso esse que, em alguns momentos, também aponta para os diversos caminhos na literatura especializada sobre o assunto. Por ora, vale fixar que artigos de natureza aparentemente inconciliável, como um umbigo de bebê e um sapato de noiva – como bem indica a expressão Sala dos Milagres – são, antes de tudo, milagres e graças. Passemos ao que eles têm a nos dizer.

⁵ A título de exemplo, pode-se mencionar Mauss (2005[1909]) que, em *A Prece*, aborda os ex-votos a partir de uma perspectiva evolucionista, tratando-os como degenerações de orações mais espiritualizadas e individualizadas.

⁶ Para uma instigante análise sobre as relíquias enquanto coisas (mercadorias) que também são pessoas (santos), ver Geary (1986; 1990). Para análises sobre o estatuto das imagens mais especificamente, ver Belting (2010, 2007), Turner (1978), Ginzburg (2001) e Freedberg (1989), dentre outros.

A Sala dos Milagres do Pe. Libério

A etnografia que subsidia a reflexão proposta foi realizada na Sala dos Milagres do Museu Pe. Libério, situado em Leandro Ferreira, uma pequena cidade a 150 km de Belo Horizonte, na qual esse padre viveu a maior parte de sua vida sacerdotal e onde seu túmulo é buscado por milhares de devotos. O Museu localiza-se praticamente em frente à capela que abriga a sepultura do religioso. Ambos os locais, juntamente com a Igreja Matriz da cidade, são considerados pontos de visita obrigatória para os devotos que vêm de outros municípios.

O Museu Pe. Libério foi construído por iniciativa da Associação de Amigos do Pe. Libério (ASAMPEL), com apoio da igreja local⁷. Duas funcionárias se revezam, de segunda a sábado, das 8 às 17 horas, para receber os visitantes, vender “lebrancinhas” e limpar o local. A multiplicidade de tarefas exercidas já indica que elas não são profissionais especializadas nas empreitadas de seleção, exibição e preservação de objetos, características aos museus, mas exemplos de “faz tudo”⁸. Aos domingos e durante as festas, quando o fluxo de visitantes é maior, elas são auxiliadas por outras pessoas na tarefa de comercialização dos artigos. Os salários das funcionárias bem como outros custos de manutenção do local são pagos através de valores arrecadados por meio da cobrança de porcentagens sobre a comercialização citada e das doações dos frequentadores.



⁷ Atualmente, a instituição não conta mais com o suporte da paróquia para seu funcionamento. Sobre as disputas entre a associação de devotos e o pároco, consultar o capítulo 3 de minha dissertação (GOMES, 2011).

⁸ Nem mesmo a criação do museu contou com especialistas, tais como museólogos e historiadores. Nesse sentido, quando falo do conjunto de ex-votos como “acervo” ou “coleção”, estou optando por termos utilizados pela literatura, e não por meus interlocutores.

Uma placa disposta na entrada do Museu recepciona os visitantes e já nos lança questões sobre a diversidade de usos do espaço: “BEM-VINDOS – LOCAL DE ORAÇÃO – PEDIMOS SILÊNCIO.” A oração mencionada acontece, sobretudo, no espaço que, doravante, chamarei de “vão central”, que é imediatamente acessado após a porta de entrada e assemelha-se a uma capela. Bancos com genuflexórios, comuns em muitas igrejas católicas, são posicionados voltados a uma parede na qual se destaca, no alto, um crucifixo de madeira com Jesus Cristo morto. Em torno dos bancos, que os devotos também utilizam para descansar, são expostos produtos religiosos para venda (medalhas, terços, fitinhas, livros, chaveiros, imagens e outras dezenas de *souvenirs* relacionados ao Pe. Libério e a outros santos do panteão católico). Através de uma porta que fica na parede lateral direita desse espaço, acessa-se outro espaço, destinado à exibição dos pertences de Pe. Libério (objetos litúrgicos e paramentos religiosos utilizados por ele: batinas, fotografias, cartas etc.) e de recortes de jornal sobre os seus feitos.

Já a Sala dos Milagres, à esquerda do vão central, possui o mesmo tamanho da sala onde ficam os pertences de Pe. Libério: cerca de 35m². Trata-se de um espaço onde os visitantes dispendem mais tempo quando visitam o Museu. Lá eles encontram expostos uma infinidade de objetos que foram ofertados ao padre e, a despeito do esforço das senhoras que cuidam do local para organizar e abrigar todos os ex-votos, atualmente eles são tantos que dificultam a movimentação pelo ambiente. Os maiores, como inúmeras partes do corpo moldados em cera e quadros com depoimentos bordados em tecidos ou esculpidos em madeira, estão expostos em prateleiras que ficam encostadas às paredes. Acima delas, estão afixadas fotos até o teto da sala. Alguns painéis foram dispostos paralelamente às paredes e neles são fixados retratos, exames médicos, cópias de carteira de trabalho ou de motorista, comprovantes de aprovação em vestibulares e concursos públicos etc. Entre os painéis estão caixas e mesas onde se observam maquetes de casas, cruzes, capacetes, muletas, gessos que já imobilizaram alguma parte do corpo de um devoto, e outras dezenas de objetos.



É importante mencionar que as primeiras pessoas que ofereceram ex-votos ao falecido sacerdote não os deixaram em tal local de exibição: os objetos foram colocados em seu túmulo, que logo ficou pequeno para acomodá-los. Um senhor atentou para o fato e, também preocupado com a conservação das ofertas dos devotos que não deveriam ficar “no tempo”⁹, arrecadou doações de móveis. Por volta de 1990, montou uma pequena Sala dos Milagres em uma vila que abriga idosos da cidade. Com a inauguração do Museu, em 1996, os ex-votos foram transferidos para a atual Sala dos Milagres.

Esse breve histórico dos objetos traz questões sobre os locais onde se entende que os ex-votos devem ficar. Inicialmente ficaram depositados em um local de culto¹⁰, depois foram transferidos para um lugar onde pudessem ser exibidos. Assim, o conjunto de ex-votos constitui uma coleção que, como

⁹ A sepultura de Pe. Libério ficava a céu aberto, como as demais do cemitério da cidade. Posteriormente, uma capela foi erguida sobre o túmulo do sacerdote e, desse modo, o acesso a ele pode ser realizado a partir da rua, sem precisar adentrar ao cemitério.

¹⁰ A importância dos túmulos como locais de culto é sublinhada por autores de estudos clássicos sobre santidade, como Brown (1982). As sepulturas dos mártires cristãos, os primeiros santos, se tornaram santuários, verdadeiros centros da vida eclesial em regiões da Europa, pois se acreditava que os santos no céu também estariam presentes em seus túmulos, o que seria manifestado e comprovado por meio dos milagres ocorridos em seu entorno.

outras abordadas por Pomian (1984), é composta por objetos que se “oferecem ao olhar”. Evidencia-se, então, a organização visual de uma experiência de devoção, que pode ser pensada para além dos objetos individuais que a compõem, pois dizem sobre uma narrativa particular construída por um conjunto de objetos reunido e mantido através de técnicas específicas de conservação, classificação, interpretação e exibição (SHELTON, 2006).

No intento de problematizá-las, inicialmente é importante ressaltar que, apesar de o termo “museu” apontar para um processo de seleção do que deve ser guardado com a finalidade de compor a memória de um grupo, na Sala dos Milagres do Pe. Libério, nenhum objeto é descartado. O Presidente da Associação que coordena o local disse que não pode nem cogitar em mexer no que é deixado lá: “Para os devotos, não há milagre mais importante que o outro”.

Os únicos objetos retirados são muletas, bengalas, cadeiras de rodas e afins, que são emprestados a quem necessita e que, posteriormente, devem ser devolvidos. Notadamente, estamos diante de “bens inalienáveis”, que, como lembra Weiner (1992), integram sistemas de trocas, mas não podem ser vendidos ou doados, e sim, paradoxalmente, devem ser *guardados* sobre o controle de determinados grupos.

Como a constante assimilação de novos objetos ocorre sem a retirada de outros ex-votos como contrapartida, tem-se uma situação de acervo em crescimento contínuo, que precisa ser exposto em um espaço físico que, ao contrário da quantidade de objetos, não aumenta. Consequentemente, a Sala dos Milagres está sobrecarregada de coisas e, como paredes e painéis estão cobertos de imagens em praticamente toda sua extensão, não raro os devotos afixam suas fotografias sobre outras, criando camadas que também incluem exames, documentos, cartões de visita, convites de aniversário, casamento, cartões de falecimento etc. Apesar da aparente confusão que a cena sugere, muitos fiéis entram em grupo na sala e conseguem distinguir os objetos que ofertaram no passado bem como a sua foto ou de conhecidos afixadas nas paredes e painéis.



Muitas pessoas com as quais eu conversava em outros locais próximos ao museu fizeram questão de me levar até lá para me mostrar seu ex-voto. Ao acompanhá-las, notei que, diante de tantos objetos, torna-se necessária a memorização de alguma referência que lhes facilite a localização do que ofertaram, por exemplo, “eu preguei a foto na porta do armário do lado direito” ou então “eu coloquei o capacete que usava no dia que sofri o acidente na prateleira mais alta.”.

No entanto, a constante sobreposição e busca de soluções para organização do acervo resulta em rearranjos que, muitas vezes, impede que o devoto encontre seu objeto. Diante de uma situação assim, várias pessoas levaram outros ex-votos. Para evitar fazê-lo novamente, uma senhora escreveu na moldura do porta-retrato que deixou junto à janela da sala: “pela alma de Pe. Libério, não mexe”.

A identificação é mais fácil no caso de objetos que são organizados em grupos; um exemplo são os ex-votos que remetem a vícios, tais como garrafas, latas de bebidas e maços de cigarro, que estão reunidos sobre uma mesa. Num canto se encontram próteses, coletes ortopédicos, muletas, óculos e, nas prateleiras das estantes junto à parede, objetos moldados em cera são dispostos em pequenos conjuntos de acordo com a parte do corpo que evocam: cabeças, membros superiores e inferiores, vísceras..., o devoto pode tanto depositar seu objeto nessas espécies de nichos ou deslocá-los para outros.



Com exceção de alguns ex-votos artesanais, como maquetes, placas esculpidas em madeira, quadros pintados a mão e mensagens bordadas, a maior parte dos objetos é industrializada e não é associada à noção de valor artístico; contudo, isso não significa que eles não sejam singularizados. Muitas oferendas vêm acompanhadas de fotos dos ofertantes e/ou textos que relatam a circunstância em que a graça foi alcançada, ou o que se deseja alcançar. Um devoto escreveu em um maço de cigarros: “Com a graça de Pe. Libério, deixei este vício no dia 17/02/09. Agradeço a ele por sua intercessão. João Batista, Pará de Minas, 16/05/2010”.

Os textos que acompanham e/ou constituem os ex-votos podem ser dirigidos a Pe. Libério, como “Querido padre, receba em suas mãos o processo de papai e cuide da melhor maneira” ou ainda para os visitantes do local, “queria contar a todos o que consegui através de Pe. Libério...” Nesse caso, a oferta do ex-voto processa-se como um meio de inserção pública em uma comunidade de devotos. Tal inserção é salientada por objetos que chegam a ocultar dezenas de outros, como imensos painéis com relatos ilustrados de milagres, *banners*, quadros etc.

Não raro esses ex-votos mais “pomposos” são deslocados para outros espaços do museu. No vão central, por exemplo, há um grande *banner* em lona, no qual aparece ao fundo a imagem da Igreja Matriz de Leandro Ferreira e, em primeiro plano, a imagem de Pe. Libério. No alto da composição gráfica, à direita, lê-se: “Leandro Ferreira: A cidade da Fé”, e abaixo, “Cortesia: Moreno, por graças alcançadas”, o que aponta para o fato

de que a peça é um ex-voto e fica claro, portanto, que ela se distingue das demais presentes na Sala dos Milagres, pois foi colocada em outro espaço, em um local de destaque.

Na mesma parede lateral do vão central do Museu onde está pendurado o *banner* descrito, há um quadro, um pouco menor, no qual Pe. Libério foi desenhado tendo à sua frente a antiga igreja da cidade, demolida por ocasião da construção da nova matriz. A partir da recorrente composição que abarca a imagem do sacerdote e um templo religioso da cidade, pode-se inferir que os ex-votos deslocados para tal espaço são aqueles que, além de serem vistosos e fruto de algum trabalho “artístico”, retratam Pe. Libério e Leandro Ferreira; e não os agraciados pelo poder do santo, como é o caso da maioria dos objetos presentes na Sala dos Milagres.

Já os ex-votos expostos na parte do Museu onde ficam os pertences de Pe. Libério não se caracterizam pelas grandes dimensões, mas pelo prestígio do doador ou proximidade deste em relação aos responsáveis pela gestão do espaço. Assim, junto aos objetos que pertenceram ao sacerdote também se observam fotos de devotos “ilustres”, como o autor de um livro sobre a vida de Pe. Libério e que participou da fundação da associação que administra o Museu, ou quadros com milagres relatados por personalidades públicas da região. O fato de tais ex-votos figurarem junto às “reliquias” de Pe. Libério, expostos em vitrines trancadas, exprimem seu *status* diferenciado, pois eles são conservados da mesma forma que outras preciosidades do sacerdote, num ambiente bem menos apinhado de coisas.

Se certos objetos se destacam do conjunto, por outro lado, alguns devotos buscam claramente a discrição e deixam testemunhos em envelopes lacrados, bilhetes dobrados inúmeras vezes etc., enfim, pequenas coisas que são praticamente “engolidas” por objetos maiores e que exigem uma observação mais atenta para que sejam notadas.

Como se vê, coisas de naturezas aparentemente muito distintas compõem uma mesma coleção, que cresce diariamente, pois, como já foi dito, os ex-votos não passam por um processo de seleção para serem exibidos e, sendo assim, os frequentadores do Museu são também responsáveis pela ampliação e manutenção do acervo. Observei que muitos devotos são conscientes de tal “responsabilidade”, pois se preocupavam, por exemplo, em levar fotos mais atuais, suas ou de suas famílias, para substituir ou justapor a antigas ofertas.

Também presenciei situações em que, mesmo não tendo saído de casa com o intuito de deixar um ex-voto, frequentadores improvisaram um, das mais variadas formas: escrevendo no verso da oferta de outros devotos ou em papéis que tinham na bolsa; deixando algo que portavam, como brincos ou medalhas; ou mesmo comprando algum objeto em bares, lojas ou camelôs no entorno do local¹¹. A abundância do acervo parece instar quem o observa a se inscrever no mesmo.

“É tanto milagre que não tem como a gente sair daqui do mesmo jeito que entrou”, disse uma senhora que, antes de visitar a Sala dos Milagres, não se considerava uma devota¹², mas que após tal experiência não tinha mais dúvidas do poder de Pe. Libério: “Cada vez que a gente vem aqui é muita emoção”, afirmou outra interlocutora, apontando que uma visita não esgota a possibilidade de outra. Um representante comercial que visita a cidade quinzenalmente, a trabalho, relatou que sempre passa no Museu para “dar uma olhada”, pois cada vez que o faz fica mais curioso e incentivado a repetir a experiência. “Olhando de longe parece que é sempre a mesma coisa, mas, chegando perto, você vê que não é”. Ele disse sempre procurar pelo seu ex-voto, a cópia de sua carteira de motorista, que está “em um cantinho”, e depois passa a observar os demais.

Percebe-se que o interesse sempre renovado do frequentador é motivado pela dinâmica da Sala dos Milagres, uma intrincada colagem de lugares e tempos, que vão desde aqueles “de quando Pe. Libério ainda era vivo” até milagres que estão por vir. Nesse sentido, o local não abriga um passado expirado, mas uma experiência de devoção na qual o que aconteceu por intermédio de Pe. Libério é registrado e tem forte impacto sobre o presente. Fica claro, portanto, que se trata de um espaço que não só é criado e transformado por seus frequentadores, mas que também produz e modela seu público.

¹¹ Na “Iojinha” do Museu não são vendidas as tradicionais peças que se destinam às Salas dos Milagres, como objetos de cera que representam partes do corpo humano.

¹² Como apontei em minha dissertação (GOMES, 2011), nem todos os que vão a Leandro Ferreira em busca de Pe. Libério o fazem na condição de devotos. Nesse sentido, é comum que pessoas se dirijam ao local – sem serem devotas, mas com o potencial de se tornarem – por indicação de algum parente ou amigo. A respeito da “experimentação” como parte constitutiva das relações entre pessoas e santos, ver Menezes (2004: 219-223).

Algumas narrativas particulares

Na Sala dos Milagres, cada ex-voto, seja ele exuberante ou modesto, é uma história particular que compõe um relato maior, o da santidade de Pe. Libério, então performatizada com objetos, em detrimento das palavras¹³. Contudo, subsumi-los a uma narrativa totalizante seria lhes despir de sua singularidade, que, como já foi assinalado, não está ausente, apesar da aparente homogeneidade de certos grupos de ex-votos. Nessa direção, se até então me dediquei a discorrer, de certo modo, sobre o conjunto inserido na Sala dos Milagres como um todo, por ora me dirigirei a objetos específicos.

Coisas triviais são passíveis de reclassificação, adquirindo interessantes “biografias culturais” (KOPPYTOFF, 1986). Praticamente qualquer objeto que circula por vias não religiosas pode se tornar um ex-voto e adquirir novos significados e, nesse sentido, deve-se atentar ao fato de que os objetos não são o que eles foram feitos para ser, mas o que eles se tornam (THOMAS, 1991). É preciso considerar que as relações implicadas nas coisas não são estáveis, como evidencia a constante apropriação e recontextualização de coisas que são transformadas em ex-votos.

Dos inúmeros objetos que contêm pedidos feitos ao Pe. Libério, alguns se destacam por seu caráter processual. Em um porta-retrato foi colocada uma “Carta ao Pe. Libério” com os seguintes dizeres: “Pe. Libério, estou escrevendo para pedir uma graça. Estou com um problema e, conhecendo sua Santidade, venho pedir sua intervenção. Se eu tiver o privilégio de receber esta graça, quero retribuir construindo uma capela para proclamar o vosso nome. Esta carta será trocada pela foto da capela assim que tudo tiver sido solucionado.” Desse modo, temos um ex-voto provisório – um pedido – que, caso tudo ocorra segundo os desejos do devoto, será substituído pelo definitivo – um agradecimento.

Em um pequeno pedaço de papel um devoto solicitou: “Peço ao Pe. Libério que retire todos os cálculos renais do meu organismo. 27/03/2004”.

¹³ Mesmo cartas e bilhetes parecem ter uma visualidade própria que extrapola seu caráter textual: mais do que para serem lidas, elas estão ali para serem exibidas. Estão, portanto, afixadas em prateleiras e paredes, e não reunidas em arquivos ou livros, por exemplo.

E algum tempo depois: “A graça foi concedida, aqui está uma das 3 pedras que foi expelida. 04/07/2004”. Moedas, espinhas de peixe e outros pequenos objetos que já ameaçaram a vida de quem os engoliu ou aspirou por acidente, geralmente crianças, também são exibidos como verdadeiros troféus de superação de momentos de agonia.

No entanto, os ex-votos também dizem sobre desfechos não tão felizes. Vários “santinhos de luto”¹⁴ espalhados pela sala, sendo que alguns são justapostos às solicitações de cura feitos anteriormente ao falecimento agora anunciado. Uma mãe que deixava o santinho de seu filho explicou que, para ela, deixar aquele registro ali era importante porque “Deus e Pe. Libério sabem o que é melhor para cada um e que vão continuar zelando pela alma dele”. Nesse caso, o objeto não foi ofertado para agradecer, tampouco para pedir, mas para corroborar a força de um vínculo.

É interessante ter em vista que, se creditamos às coisas uma “vida social” (KOPYTOFF, 1986), o tempo dos objetos pode não coincidir com o de seus proprietários. Como afirma Weiner (1992: 37), os bens inalienáveis sucedem seus donos através do tempo, e, por isso mesmo, devem ser transferidos para serem preservados. Em sua análise do *Kula*, a autora discorre sobre como os trobriandeses buscam extrair dos objetos algo que os faça vencer a fragilidade da existência humana. Nessa perspectiva, as coisas podem produzir uma expansão da existência da pessoa como memória, a finalidade da troca, portanto, liga-se aos poderes de criação e regeneração da vida através dos objetos. Manipulá-los, então, pode significar intervir em corpos, já que é através da ação dos objetos que o prestígio dos humanos circula.

Ao ver vários óculos reunidos na Sala dos Milagres, um senhor me perguntou se eles teriam sido esquecidos por pessoas no Museu, e então teriam sido colocados ali como “achados e perdidos”. Ingenuamente disse que provavelmente eram ofertas de pessoas que foram curadas de problemas de visão. Fui então interrompida por uma senhora, dizendo que um daqueles óculos pertencera à sua mãe e que ela os deixara ali após seu falecimento,

¹⁴ Trata-se de impressos que trazem foto, data de nascimento e falecimento de uma pessoa, bem como uma mensagem carinhosa enviada a ela por sua família e amigos. Geralmente são distribuídos pela família na missa que acontece no 7º dia após a morte do ente querido.

visto que ela era “muito ligada no Pe. Libério.” Nota-se que, novamente, trata-se de um objeto que permanece face à morte de seu dono, afirmando a continuidade de uma relação. Porém, outra questão vem a lume: por que a filha deixou os óculos da mãe e não um santinho de sua missa de sétimo dia, como tantos outros expostos ali?



Assim como aqueles do *Kula* trobriandês (MALINOWSKI, 1976), os objetos em pauta carregam atributos de seus proprietários, todavia, eles não são autoevidentes, pois os ex-votos revelam interessantes ritos de substituição (CHARUTY, 1992) e processos de simbolização (MENEZES, 1996) que, por sua vez, não guardam uma conexão rígida com algum referente. Assim, a cura do alcoolismo pode ser agradecida tanto com um relato escrito quanto com garrafas e latas de bebidas. A representação de uma casa pode tanto significar o agradecimento pela aquisição de uma, quanto a gratidão pela proteção constante que o santo lança sobre o local. Currículos estariam ali como agradecimento ou pedido de emprego? A exibição dos objetos nem sempre explicita o porquê de eles terem sido retirados de seu uso cotidiano.

As coisas trocadas nunca são replicações completas ou substituições dos devotos, mas uma parte delas – porção de sua “pessoa distribuída”, diria Gell (1998) – que é necessariamente diferente da sua forma original. É justamente esse caráter parcial das coisas em relação às pessoas que mantém possibilidades de relações em aberto, pois, quando uma peça é mantida e retida, cria-se a expectativa de retorno em certas relações (WEINER, 1992).

Assim, o ato dos devotos de ofertar objetos não constitui parte de um contrato que cessa após o cumprimento do combinado entre partes.

Os ex-votos comumente entendidos como formas de pagamento de promessas se revestem de outros sentidos, a despeito da “razão prática” (SAHLINS, 1976), que enxerga apenas indivíduos movidos por interesses e os encerra à função de quitar uma dívida com as divindades. No entanto, como lembra Menezes (2004), esse modelo de fundo mercantil diz muito pouco sobre a relação santo-devoto, movimentada por dinâmicas diversas que extrapolam as trocas, mesmo que essas últimas sejam à primeira vista mais patententes ao observador externo.

Considerações finais

Gell (1998) sugere que um ídolo não é uma figuração da divindade, mas o seu corpo na forma artefactual. Seguindo tal proposição, inclino-me a pensar em milagres em forma de coisas. Desse modo, os ex-votos não são meras expressões e sim uma forma em si dos feitos prodigiosos do santo. Portanto, nem “objeto real”, nem “produto mental”, quiçá um “problema de representação”, a não ser que os sentidos com que o termo representação se reveste sejam devidamente complexificados¹⁵.

Através da observação da Sala dos Milagres, procurei demonstrar a produção recíproca da exposição de um conjunto de objetos e seu público. Esse processo nos direciona a alguns tons dissonantes em relação às tendências inertes geralmente entendidas como próprias dos ambientes museológicos. Como foi visto, os ex-votos portam a memória de certos eventos ou, ainda,

¹⁵ Mesmo nesta seção que deveria encaminhar para o apagar das luzes da presente reflexão, permito-me lançar mão de alguns autores que, ainda que refletindo sobre contextos muito diferentes, lançam luz sobre o exposto e apontam para a riqueza da discussão. Ao analisar a estatutária grega, geralmente pensada a partir da ideia de “mimetismo”, Vernant (1988) aborda o *Kolossos* de modo alternativo e nos traz a categoria psicológica do “duplo”: “o *kolossos* não é uma imagem: é um duplo, como o próprio morto é um duplo do vivo” (2008: 386). A partir do trabalho de Vernant, Ginzburg (2001) trata das tensões intrínsecas ao signo religioso e ressalta uma fratura profunda entre nós e os gregos: no cristianismo, o símbolo não apenas evoca, ele é concretude, presença corpórea.

de vidas inteiras e, nessa direção, possibilitam o acesso a outras realidades espaço-temporais.

Tal acesso via ajuntamento de fragmentos nunca alcança uma representação acabada daquilo que pretende mediar, justamente por se tratar de relações que estão sendo continuamente atualizadas. Nesse sentido, as narrativas evocadas pelos objetos não são totais (STEWART, 1984) e o incremento de significado nos momentos de apropriação dos mesmos é constante.

A análise realizada evidenciou que, no cotidiano do espaço em pauta, o caráter *estático* atribuído *a priori* às coisas materiais cede lugar ao *extático*, a uma espécie de arrebatamento do objeto. Na Sala dos Milagres, coisas que em outros espaços não são vistas como dignas de exibição pública inserem-se em um conjunto que multivocaliza a santidade de Pe. Libério e torna notória a lógica de superabundância de relações de devoção que perpassa o ambiente. Assim, apregoa-se não só o poder do santo, mas também o dos objetos que, a despeito de serem vistos por muitos como certezas manifestas das misérias humanas, são, sobretudo, celebrações da potência de uma relação, em que não só se pede e se agradece, mas também se exhibe, se celebra, se propicia, se lembra, se materializa.

Entender o que os ex-votos agenciam em termos de ideias implica alçá-los à condição de coprodutores – e não apenas de resultado – das relações sociais que estão em jogo. Desse modo, em vez de evidências objetivas de certas situações de vida e fé dos ofertantes, procurei problematizar as ofertas a Pe. Libério de modo a visualizar a constituição das mesmas em certas relações entre pessoas e coisas. É no bojo de tais vínculos que elas se tornam questões para análise. Desse modo, espero ter demonstrado que, se os objetos não representam a relação de devoção em sua totalidade, é justamente nessa parcialidade que reside a força dos mesmos como problemas de pesquisa, pois é ela que possibilita que as alegrias e as aflições do cotidiano ganhem as feições sobre as quais me debrucei.

Referências

- BENJAMIN, Walter
(1986) *Walter Benjamin: obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense.
- BELTING, Hans.
(2010) *Semelhança e Presença. A história da imagem antes da Era da Arte*. Rio de Janeiro: Ars Urbe.
(2007) *La vrai image: croire aux images?*. Paris: Gallimard.
- BROWN, Peter.
(1982) *The cult of the saints*. Chicago: University of Chicago Press.
- CHARUTY, Giordana
(1992) "Le vœu de vivre: corps morcelés, corps sans âme dans les pèlerinages portugais". *Terrain*, vol.18., p. 46-60.
- CLIFFORD, James
(2002) *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ.
- DOUGLAS, Mary
(1976) *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva.
- FERNANDES, Rubem César
(1982) *Os cavaleiros do Bom Jesus. Uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense.
- FREEDBERG, David
(1989) *The power of images*. Chicago: University of Chicago Press.
- GEARY, Patrick
(1990) *Furta Sacra: thefts of relics in the Central Middle ages*. Princeton: Princeton University.
(1986) "Sacred commodities: the circulation of medieval relics". In: APPADURAI, Arjun (org.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press., p. 169- 191.
- GELL, Alfred
(1998) *Art and Agency: an Anthropological Theory*. Oxford: Claredon.
- GINZBURG, Carlo
(2001) *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GOMES, Lilian Alves
(2011) *Entre famílias, lugares e objetos: uma etnografia da santidade de Padre Libério*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
(2008) *Pe. Libério, o Santo do Oeste Mineiro: notas etnográficas sobre atribuição de santidade*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais.
- GONÇALVES, José Reginaldo
(2007a) "Os museus e a cidade". In: IPHAN. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IPHAN., p. 63-80.
(2007b) "Teorias antropológicas e objetos materiais". In: IPHAN. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônio*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura/IPHAN., p. 13-42.
- HENARE, A. HOLBRAAD, M., WASTELL, S.
"Introduction: thinking through things"
In: _____. (ed) *Thinking Through Things: theorizing artifacts ethnographically*. London: Routledge: 2007, p. 1-31.
- INGOLD, Tim
(2010) *Bringing things to life: creative entanglements in a world of materials*. Realities, vol.15. Aberdeen: University of Aberdeen, p. 1-16.
(2007) "Materials against materiality". *Archeological Dialogues*, 14(1), p. 1-38.
(2006) Rethinking the animate, re-animating thought". *Ethnos*, 71(1), p. 9-20.
- KOPPYTOFF, Igor
(1986) "The cultural biography of things: commoditization as process". In: APPADURAI, Arjun (org). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 64-91.

- LATOUR, Bruno
(2009) *Sur le culte moderne des dieux faitiches. Suivi de Iconoclash*. Paris: La découverte.
- (1994) *Jamais fomos modernos – Ensaio de Antropologia Simétrica*. São Paulo: 34.
- LÉVI-STRAUSS, Claude
(2003) “Introdução à obra de Marcel Mauss”. In: MAUSS, Marcell. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify., p. 11-45.
- MALINOWSKI, Bronislaw.
(1976) *Argonautas do Pacífico Ocidental*. Col. Os Pensadores. Ed. Abril.
- MAUSS, Marcel
(2005) “A prece”. In: _____. *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva., p. 229 – 324.
- (2003) “O ensaio sobre a dádiva”. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify., p. 185-315.
- MENEZES, Renata de Castro
(2004) *A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ.
- (1996) *Devoção, diversão e poder: um estudo antropológico sobre a Festa da Penha*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.
- MILLER, Daniel
(2006) “Consumption”. In: TILLEY, Chris; KEANE, Webb; KÜCHLER, Susanne; ROWLANDS, Mike & SPYER, Patricia (Editors). *Handbook of Material Culture*. Londres: Sage, p. 351-354.
- (2005) “Materiality: an introduction”. In: _____. *Materiality*. Durhan and London: Duke University Press. p. 01-50.
- (1998) *Material cultures: why some things matter*. Chicago: The University of Chicago Press, 1998. p. 03-24.
- (1994) “Artefacts and the meaning of things” In: Ingold, T. (ed.) *Companion encyclopedia of anthropology*. Routledge. London. p. 396-419.
- POMIAN, Krzysztof
(1984) “Coleção” In: *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 1, Memória-História, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda., p.51-86.
- SAHLINS, Marshall
(1976) *Culture and practical reason*. Chicago: The University of Chicago Press.
- SEGALA, Lygia
(1999) *Fotógrafos de romaria: a memória do milagre e a lembrança da festa*. Rio de Janeiro: Funarte; CNFCP.
- SHELTON, Anthony Allan
(2006) “Museums and museum displays”. In: TILLEY, Chris; KEANE, Webb; KÜCHLER, Susanne; ROWLANDS, Mike & SPYER, Patricia (Editors). *Handbook of material culture*. Londres: Sage, p. 480-499.
- STEWART, Susan
(1984) *On longing: narratives of the miniature, the gigantic, the souvenir, the collection*. Baltimore: The John Hopkins University Press.
- THOMAS, Nicholas
(1991) *Entangled objects: exchange, material culture, and colonialism in the Pacific*. Cambridge, Massachussets, London: Harvard University Press.
- TURNER, Victor
(1978) “Iconophily and iconoclasm in Marian pilgrimage”. In: TURNER, Victor & TURNER, Edith. *Image and pilgrimage in Christian culture: anthropological perspectives*. Oxford: Basil Blackwell, p. 140-171.
- VERNANT, Jean-Pierre
(2008) *Mito e pensamento entre os gregos*. trad. Hainaguch Sarian. 2ªed., São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- WEINER, Annette
(1992) *Inalienable possessions: the paradox of keeping while giving*. Berkeley: University of California Press.

Recebido em

junho de 2013

Aprovado em

agosto de 2013